LEMAD História USP

Universidade de São Paulo
Pró-Reitoria de Graduação

KITS DIDÁTICOS

DOCUMENTOS HISTÓRICOS NO ENSINO

Material Impresso e Digital

Memorial da Resistência

Memórias da Ditadura

USP - Pró-Reitoria de Graduação

KITS DIDÁTICOS
DOCUMENTOS HISTÓRICOS NO ENSINO
Material Impresso e Digital

Coordenação:
Prof.ª Drª. Antonia Terra de Calazans Fernandes

Monitor Bolsista da Licenciatura:
Eva Aparecida dos Santos

Alunos do Programa Unificado de Bolsas de Estudos:
Graziella Malagrine Basti
Luana Vendemiatti Mendes
Thiago de Andrade Nogueira

Aluna voluntária:
Olga Beatriz Steffen Cruz

Funcionário Administrativo:
Marcos Antonio de Oliveira

Laboratório de Ensino e Material Didático – LEMAD
Departamento de História – FFLCH – USP
2023

LISTA DE DOCUMENTOS

1. *Resolução SC 28/99, de 08 de julho de 1999, publicado no DOE 09/07/99*, p. 24. IN: CONDEPHAAT – Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/upload/abf41_RES.%20SC%20N%2028%20-%20Edificio%20antigo%20DOPS.pdf. Acesso em: 04 Dez 2023.

Prédio do Delegacias Especializadas de Ordem Política e Social - DEOSP - Década de 1970. Foto do Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo - http://icaatom.arquivoestado.sp.gov.br/ica-atom/index.php/delegacias-especializadas-de-ordem-politica-e-social-deops-sp;isad. Acesso em: 04 Dez 2023.

BURKE, Peter. A museificação dos museus. Especial para a Folha de S. Paulo, 02 de junho de 1996.

Fotos de 1915 e foto atual. Disponíveis em: https://memorialdaresistenciasp.org.br/lugares/deops-sp/. Acesso em: 04 Dez 2023.

2. Lucca Neto, L. de, & Jatene, C. V. (2020). Lugares de memória das ditaduras civis-militares latino-americanas, arquitetura e inscrições de sentido. *Brazilian Journal of Latin American Studies*, *19*(38), 96-120. Disponível em: https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2020.170383. Acesso em: 23 Nov. 2023.

LISTA DE DOCUMENTOS

2. CENDOYA-LAFLEUR, Jessica e DAVALLON, Marie Lavorel et Jean. *Patrimonializar a memória da guerra no museu: entre História e testemunho*. Tradução de Germana Henriques Pereira de Sousa. IN: Cécile Tardy e Vera Dodebei (dir.) Memória e novos patrimônios. Marseille: OpenEdition Press, 2015. Disponível em: https://books.openedition.org/oep/874**.** Acesso em: 23 Nov. 2023.

3. MACHADO, Lenira. Entrevista sobre militância, resistência e repressão durante a ditadura civil-militar. Memorial da Resistência de São Paulo, entrevista concedida a Luiza Giandalia, Camila Djurovic em 12/11/2018.

4. POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15. Disponível em: https://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf. Acesso em: 23 Nov. 2023.

5. SANTOS, Joel Rufino dos. Quando eu voltei, tive uma surpresa. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, p. 76.

Professor e escritor Joel Rufino dos Santos morre no Rio. **G1**, 04/09/2015. Disponível em: *https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/09/professor-e-escritor-joel-rufino-dos-santos-morre-no-rio.html* . Acesso em: 23 Nov. 2023.

LISTA DE DOCUMENTOS

6A. Memorial da Resistência SP. **Relatos na prisão do DEOPS/SP.** Youtube, 16 Set. 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=bVUQtPfcSwo. Acesso em: 23 Nov. 2023.

6B. Comissão Nacional da Verdade. Relatório – Volume – I. Brasília: CNV, 2014. p. 408. Disponível em: http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/images/pdf/relatorio/volume_1_digital.pdf. Acesso em: 23 Nov. 2023.

Memorial da Resistência SP. **Relatos na prisão do DEOPS/SP.** Youtube, 16 Set. 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=bVUQtPfcSwo. Acesso em: 23 Nov. 2023.

7. Memorial da Resistência SP. **Relatos na prisão do DEOPS/SP.** Youtube, 16 Set. 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=bVUQtPfcSwo. Acesso em: 23 Nov. 2023.

8. Comissão da Verdade do Estado de São Paulo "Rubens Paiva. **Infância Roubada: crianças atingidas pela ditadura militar no Brasil.** São Paulo: ALESP, 2014, p. 85 e 137. Disponível em: https://www.al.sp.gov.br/repositorio/bibliotecaDigital/20800_arquivo.pdf. Acesso em: 23 Nov. 2023.

9. TELES, Maria Amélia de Almeida. Entrevista sobre militância, resistência e repressão durante a ditadura civil-militar. Memorial da Resistência de São Paulo, entrevista concedida a Luiza Giandalia e Desirée Azevedo em 05/04/2016.

LISTA DE DOCUMENTOS

10. CENDOYA-LAFLEUR, Jessica e DAVALLON, Marie Lavorel et Jean. *Patrimonializar a memória da guerra no museu: entre História e testemunho*. Tradução de Germana Henriques Pereira de Sousa. IN: Cécile Tardy e Vera Dodebei (dir.) Memória e novos patrimônios. Marseille: OpenEdition Press, 2015. Disponível em: https://books.openedition.org/oep/874. Acesso em: 23 Nov. 2023.

11. BENJAMIN, Walter. *O narrador*. IN: **Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

LEITURA DE DOCUMENTOS

Este Kit Didático foi desenvolvido a partir de uma visita ao *Memorial da Resistência*, em São Paulo (SP). Lá conhecemos os acervos que contam as histórias de presos políticos, que foram encarcerados no prédio onde hoje é o museu, durante o período da ditadura civil-militar no Brasil (1964-1985). Produzimos, então, fotos do local, que registram a reconstituição das celas onde os prisioneiros ficavam e, nas exposições, assistimos vídeos e ouvimos áudios de memórias, que são registros documentais daquele contexto político.

Este kit tem, então, o objetivo de contribuir para estudos históricos da construção e manutenção da memória em resistência à Ditadura Militar brasileira (1964-1985). Para tal, utilizamos parte do acervo disponibilizado pelo *Memorial da Resistência de São Paulo*, bem como outros documentos para dar ênfase ao espaço e aos testemunhos de presos políticos. Para o estudo didático, propomos principalmente as questões: por que lembrar? Por que resistir? Por que narrar? O que significa uma memória em disputa? O que e como a violência da repressão militar afetou a vida dessas pessoas e de seus familiares? E o que significou as permanências dessas repressões físicas e morais do Estado, contra aqueles que ousaram enfrentar a ordem vigente?

Dessa forma, o **documento 1** é composto pelo artigo que determina o tombamento do prédio onde hoje fica o *Memorial da Resistência*, o mesmo que outrora era sede da Ferrovia Sorocabana e, posteriormente, do DOPS (Departamento de Ordem Política e Social), órgão que garantia o funcionamento de parte dos mecanismos que sustentavam a ideologia do Estado durante a ditadura militar. Por meio das fotos, que acompanham os textos, é possível observar o mesmo prédio em seus diferentes contextos de uso.

É dentro desse debate que o trecho do historiador Peter Burke se encaixa, pois aponta a importância de querer conhecer o local em que um museu está estabelecido, como modo de entender mais sobre sua história. O prédio do *Memorial da Resistência*, por exemplo, apresenta um histórico de uma diversidade de contextos e usos, e também símbolos da arquitetura da época na qual foi construído.

Em seguida, o **documento 2** apresenta dois trechos retirados de livros diferentes. O primeiro trecho, da obra *Lugares de memória das ditaduras civis-militares latino-americanas, arquitetura e inscrições de sentido*, continua a

abordar sobre o prédio onde se localiza o memorial, sede do antigo DOPS, e que ajuda a preservar a memória da ditadura militar e daqueles que fizeram parte e sofreram as drásticas consequências no período. O segundo trecho coloca em pauta a ideia de que as pessoas, que vivenciaram determinados contextos históricos, contribuem, a partir de suas narrativas, para a construção da memória museológica, através de relatos imateriais.

No **documento 3** encontra-se um trecho de entrevista de Lenira Machado, presa política durante a ditadura militar, e que hoje compõe parte do acervo audiovisual do *Memorial da Resistência*. No trecho, Lenira relata sobre a importância em transformar o antigo DOPS em memorial como uma forma de evitar o esquecimento e o apagão da memória da história brasileira, e, ao mesmo tempo, estabelecer uma resistência diante dos fatos da época.

Seguindo a discussão sobre memória coletiva, o **documento 4** traz um trecho da obra *Memória, esquecimento, silêncio,* do sociólogo Michael Pollak. No texto, ele pondera sobre a situação das chamadas "memórias subterrâneas", ou seja, lembranças passadas entre gerações, transmitidas oralmente, que envolvem eventos políticos marcantes. Essas memórias extra oficiais entram em disputa em momentos de crise, e podem ser consideradas uma forma de resistência da sociedade civil.
O caso das "memórias subterrâneas" da Ditadura Militar brasileira é o objeto deste Kit, que encontra seu lugar nos trechos selecionados a seguir.

O **documento 5** é constituído por dois relatos de José Rufino dos Santos, historiador e escritor brasileiro, preso pelo regime militar na década de 1970. Nos relatos, Rufino explica sobre a dificuldade que teve para escrever sobre seu tempo encarcerado, principalmente em relação à tortura sofrida por ele e seus conhecidos, a qual considera "inarrável". Os trechos revelam a complexidade e sensibilidade trazida pelo tema das "memórias do cárcere".

Continuando com as memórias do regime militar, os **documentos 6A e 6B** consistem na transcrição de fragmentos de entrevistas feitas com ex-presos políticos do DOPS (Rosemeire Nogueira e Alípio Freire), nas quais eles descrevem partes de seu cotidiano no insalubre espaço carcerário. Esses testemunhos foram concedidos, em sua maioria, ao acervo do *Memorial da Resistência de São Paulo*, mas parte deles encontra-se no volume I do relatório da *Comissão Nacional da Verdade* (2014).

Os relatos que narram a brutalidade sofrida nas dependências do DOPS, com ênfase em alguns tipos específicos de violência, como a de gênero, exemplificam a forma como os prisioneiros tinham a sua humanidade negada sob o jugo dos agentes da repressão do regime militar. A violência sofrida por eles deixou marcas permanentes em sua memória, mas também, os laços de solidariedade e de companheirismo, que foram forjados durante o seu período de encarceramento, aparecem como parte fundamental de seu testemunho.

O **documento 7** é um trecho da música *Canção da Partida*, popularmente referida como "Minha jangada vai sair pro mar", de Dorival Caymmi (1957). Juntamente com sua letra, consta o testemunho de Elza Ferreira Lobo, ex-presa política no DOPS, que explica o valor simbólico de esperança e celebração que essa canção tinha para ela e seus companheiros, durante e após o seu período de cárcere.

O **documento 8**, por sua vez, traz dois excertos retirados do livro *Infância roubada - crianças atingidas pela ditadura militar no Brasil*, nos quais Ângela Telma de Oliveira Lucena e Luís Carlos Marx do Nascimento abordam de forma crítica a questão da manutenção da memória sobre os horrores da ditadura. O primeiro testemunho, em particular, enfatiza o fato de que não só ainda existem desaparecidos políticos do período da ditadura, como também muitos documentos arquivados que seriam fundamentais para que essas pessoas fossem encontradas e sepultadas por seus familiares.

Já no segundo trecho, há a crítica ao apagamento da memória social sobre a ditadura, que exemplifica-se pela forma como essas discussões escapam aos livros e ao cotidiano escolar na atualidade. Fica claro, a partir de ambos os trechos, que existe ainda uma grande dívida histórica do Brasil para com as vítimas do regime militar, e essa há de ser saldada a partir de um compromisso coletivo com a reafirmação dos princípios de memória, verdade e justiça.

Ademais, o **documento 9** possui um relato de Maria Amélia de Almeida Teles, jornalista e escritora brasileira que foi presa e torturada durante o período do regime militar brasileiro. No trecho, ela discute sobre a importância de recordar certos acontecimentos históricos e sobre a obrigação que possui em contar suas experiências no lugar daqueles que não tiveram essa oportunidade, seja porque morreram ou estão desaparecidos. Sua frase *"recordar também é sofrer"* invoca essa obrigação e conversa com a inscrição presente no Memorial da Resistência de São Paulo, *"lembrar é resistir"* - frase que está presente também na foto apresentada.

O **documento 11** é um trecho do filósofo Walter Benjamin que reflete a respeito da narração como uma transmissão das experiências vividas, que podem ser compartilhadas com aqueles que as ouvem, sendo elas também incorporadas pelos ouvintes como sendo suas.

Finalmente, a intenção é que as memórias deste período possam ser ouvidas, lidas e consideradas como importantes fontes de reflexão para a permanência das resistência aos Estados autoritários e ditatoriais. A historiografia contemporânea reconhece as memórias como fontes históricas e as sociedades necessitam conhecer e valorizar os testemunhos como parte da sua construção política e social.

LEMAD
História
USP

PROPOSTA DIDÁTICA COM USO DE DOCUMENTOS

(sugestões de orientações que podem ser oferecidas pelo(a) professor(a) aos estudantes)

DOCUMENTO 1

1. Você já foi em um museu? Qual?
2. Qual história o museu que você visitou contava?
3. Como você explicaria para uma pessoa o que é um museu?
4. Observe as fotos e as legendas. O que há em comum nas fotos?
5. Quais os diferentes usos do prédio fotografado?
6. Hoje, o prédio é um museu. Qual o nome deste museu?
7. Leia o texto sobre a história do prédio que virou museu. O que ele conta?
8. O que significa dizer que o prédio foi "*tombado*"? Caso você não conheça essa palavra, pesquise seu significado.
9. O que diz o decreto sobre as razões de ser preservado o espaço do prédio como patrimônio histórico?
10. Leia o texto do historiador Peter Burke. O que o autor do texto sugere que se faça quando se visita um museu?

DOCUMENTO 2

11. Você já visitou o museu que recebe o nome *Memorial da Resistência*? Se sim, o que sabe sobre ele?
12. Leia o primeiro texto do **documento 2** sobre a história deste museu.

a) Onde fica este museu?
b) Qual história este museu cuida e preserva?
c) Leia o glossário e responda: o que é um regime político de ditadura?
d) O texto afirma que o prédio era destinado à detenção de presos políticos durante a ditadura no Brasil. Leia o glossário e responda: Quando foi e o que foi a ditadura civil-militar no Brasil?
e) Para você, o que é um preso político?
f) Você acha que é importante a preservação da memória de pessoas que foram presos políticos de um governo com regime de ditadura?

13. Qual seria a importância de construir um memorial sobre a ditadura dentro do antigo prédio do DOPS (lugar onde eram mantidos os presos que não concordavam com as políticas do governo durante a ditadura)?

PROPOSTA DIDÁTICA COM USO DE DOCUMENTOS
(sugestões de orientações que podem ser oferecidas pelo(a) professor(a) aos estudantes)

14. A partir da leitura do segundo texto do **documento 2,** responda:

a) O que o museu nos permite refletir?
b) A memória narrada, por pessoas que vivenciaram um passado traumático, pode ser um testemunho a ser preservado em um museu? Qual é a importância dessa preservação?
c) Por que é importante conhecermos sobre a perspectiva daqueles que viveram os "*passados difíceis*"?
d) Você concorda que os museus sejam os detentores desta memória?

DOCUMENTO 3

15. Leia a entrevista cedida por Lenira Machado e responda o que se pede:

a) Por que ela afirma que dizer que o brasileiro é um povo pacífico seria uma forma de tentar esconder a nossa história?
b) Quem seriam os responsáveis por essa tentativa de escondê-la?

16. Qual é a importância, nesse sentido, de manter viva as memórias e símbolos de rebeldia, em lugares como o Memorial da Resistência de São Paulo?

DOCUMENTO 4

17. Leia o texto do sociólogo Michael Pollak e identifique os termos com os quais ele qualifica a "memória".
18. Quais, então, no texto, são as memórias existentes para o autor?
19. O que significa, para você, a expressão "*subversão*", utilizada pelo autor no texto?
20. Explique com as suas palavras o seu entendimento sobre a expressão "*A memória entra em disputa*".
21. Para você, o que significa uma lembrança "*confinada ao silêncio*"?
22. Como é possível, segundo o texto, que uma lembrança silenciada continue viva como parte da memória?
23. No texto há a afirmação: "*Para poder relatar seus sofrimentos, uma pessoa precisa antes de mais nada encontrar uma escuta*". O que seria, nesse contexto, uma "escuta"?

PROPOSTA DIDÁTICA COM USO DE DOCUMENTOS

(sugestões de orientações que podem ser oferecidas pelo(a) professor(a) aos estudantes)

DOCUMENTO 5

24. Leia os trechos apresentados no **documento 5**. Eles consistem em relatos de Joel Rufino dos Santos, escritor brasileiro preso em 1972 durante o Regime Militar do Brasil (1964-1985). Sobre eles, responda:

a) Joel comenta sobre algumas torturas sofridas em seus anos de prisão. Quais foram elas?
b) Qual a justificativa utilizada pelos torturadores para seus atos?
c) Joel Rufino afirma ter *"dificuldade para escrever sobre a prisão"* e que a tortura é "*inarrável*". Por que você acredita que o autor tem essa dificuldade em falar desses acontecimentos de seu passado?

DOCUMENTO 6

25. Nos **documentos 6A e 6B** há dois relatos de Rosimeire Nogueira, que esteve presa durante a Ditadura Militar brasileira no DOPS em São Paulo, no prédio do atual Memorial da Resistência. Leia o primeiro trecho e responda:

a) O que aconteceu com Vera Nicoletti ao chegar na sede do DOPS?
b) Por que Rosimeire acreditou que Vera tinha morrido?
c) Como as duas mulheres se reencontraram?
d) Rosimeire afirma que ter descoberto que Vera estava viva foi uma das "*coisas mais importantes de sua vida"*. Por que você acha que ela se sentiu assim?

26. Leia o relato de Rosimeire Nogueira presente no **documento 6B**, e responda:

a) Por que os torturadores queriam secar o leite dela?
b) Como você acha que uma mãe se sentiria em ser forçada a não poder mais amamentar seu filho?
c) Qual sua opinião sobre a ação do torturador?

27. Em muitos relatos de prisioneiras políticas, ao longo da ditadura, é recorrente a afirmação de que parte da crueldade era direcionada ao fato delas serem mulheres. Partindo do relato de Rosemeire Nogueira, quais partes do seu testemunho podem ser associadas à violência de gênero?

28. Sabe-se, então, que as mulheres eram atacadas, sob tortura, ao serem violentados seus corpos, seus filhos, sua maternidade, etc. Como explicar a razão pela qual os torturadores atacavam justamente os pontos mais frágeis de suas vítimas?

PROPOSTA DIDÁTICA COM USO DE DOCUMENTOS
(sugestões de orientações que podem ser oferecidas pelo(a) professor(a) aos estudantes)

29. Sobre o relato de Alípio Raimundo Vieira Freire, acerca de seu tempo no DOPS, responda:

a) Quais eram os cuidados a serem tomados com aqueles que vinham das sessões de tortura?
b) Alípio afirma que na época da Ditadura Militar brasileira foi quando ele teve "as solidariedades mais bonitas" de sua vida. Como essa rede de apoio foi construída? E por que ela é importante?

30. Observe as imagens presentes nos documentos 6A e 6B. . Em seguida, responda:

a) Em suas legendas, é dito que esses espaços e objetos foram restituídos. O que significa esse processo de restituição?
b) Por que o museu achou importante restituir esses espaços, representados nas fotografias, tal como eram na época da Ditadura?
c) Qual a relação entre a reprodução dessas figuras e o papel do museu como espaço de memória?
d) Você acha que é possível recuperar totalmente os acontecimentos do passado com essa tentativa de restituição?

DOCUMENTO 7

31. A partir da leitura do relato de Elza Ferreira Lobo, uma das detentas no DOPS, e da letra da música "Minha jangada vai sair pro mar", de Dorival Caymmi, cantada como uma forma de celebrar a liberdade de presos políticos, responda:

a) Por que você acha que essa música era cantada como forma de comemoração?
b) A letra transmite a ideia de liberdade? Por quê?

DOCUMENTO 8

32. Os excertos do documento 8 foram retirados de um mesmo livro. Qual livro é esse? A partir do seu título, qual assunto você acredita ser tratado na obra?

PROPOSTA DIDÁTICA COM USO DE DOCUMENTOS
(sugestões de orientações que podem ser oferecidas pelo(a) professor(a) aos estudantes)

33. Considere o testemunho de Angela Telma Oliveira Lucena:

a) Na sua perspectiva, você acha que Angela Telma considera o Brasil uma democracia? Por quê?
b) Quem são os "desaparecidos" mencionados por ela?
c) O que a autora do trecho quer que aconteça em relação a esses desaparecidos?
d) Na sua perspectiva, o que o trecho quer dizer com: "*É um fantasma que nos atormenta"*?

34. Considere o testemunho de Luis Carlos Marx do Nascimento:

a) O que você acha que o autor quis dizer com "*Fisicamente as coisas vão se apagando*"?
b) O documento faz um paralelo entre a ditadura e qual evento histórico? Por que você acha que o autor fez esse paralelo?
c) Você já chegou a estudar a história do período da Ditadura Militar, antes, na escola? Acha que o assunto foi abordado de forma plena ou você sentiu que houve o "apagamento" ao qual o autor se refere?

DOCUMENTO 9

35. Leia a transcrição da entrevista concedida por Maria Amélia de Almeida Teles, para o Memorial da Resistência de São Paulo, e responda:

a) De qual forma a depoente questiona a consagrada expressão "recordar é viver"?
b) Da sua perspectiva, o que ela quer dizer com "Recordar também é sofrer"?
c) Por que Maria Amélia entende que recordar é uma obrigação? Quais seriam os desafios em meio a esse processo?
d) Qual a relação entre os textos do documento 8 e a afirmação: "eu tenho que falar por uma questão de justiça para aquelas pessoas que morreram, que desapareceram, que não podem mais falar"?

36. Qual a relação entre a reflexão feita por Maria Amélia em sua entrevista e a frase da imagem: "Lembrar é resistir"?

PROPOSTA DIDÁTICA COM USO DE DOCUMENTOS
(sugestões de orientações que podem ser oferecidas pelo(a) professor(a) aos estudantes)

DOCUMENTO 10

37. Considere o excerto presente no documento 10:

a) Para os autores, a testemunha viveu determinados acontecimentos e conta suas memórias sobre o acontecido. Então, você concorda com a afirmação dos autores de que a testemunha é um "passador"? Explique.
b) Como os autores caracterizam e valorizam o modo como as testemunhas contam suas vivências do passado?
c) Você concorda que os relatos de testemunhas são especiais, como defendem os autores? Por que?
d) Você concorda com a ideia de que o relato de "cenas" do passado pelas testemunhas contribui para a construção de uma história coletiva? Explique.
e) Você concorda que as histórias coletivas são referências para individualmente construirmos também as nossas próprias histórias? Explique.
f) Você concorda com a afirmação dos autores de que "reconstruir uma ligação com o passado (...) não é só de domínio exclusivo do especialista"? Por quê?

DOCUMENTO 11

38. O que o autor está querendo nos contar?
39. Você conta para outras pessoas suas experiências?
40. Você acha importante contá-las? Por que?
41. E você ouve as narrativas de experiências de outras pessoas? E considera importante ouvi-las?
42. O autor afirma que quem ouve as narrativas de outras pessoas acaba transformando as experiências narradas como sendo suas. Você concorda com ele? Por que?
43. No caso do Memorial da Resistência, que preserva as narrativas das pessoas que foram presas pela ditadura civil-militar no Brasil, você considera que estas narrativas são importantes para que outras pessoas possam, ouvindo as memórias, refletir a respeito das experiências que elas viveram? Como? Por que?
44. Qual ou quais experiências você incorporou como sendo suas depois de ter conhecido a história do Museu da Resistência?

LEMAD História USP

Documento 1

O Secretário da Cultura, nos temos do artigo 1º do Decreto - Lei n.º 149, de 15 de agosto de 1969 e do Decreto 13.426, de 16 de março de 1979, cujos artigos 134 a 149 permanecem em vigor por força dos artigos 187 e 193 do Decreto Estadual n.º 20.955, de 1º de junho de 1983, resolve

Artigo 1º - Fica tombado como bem cultural de interesse para a memória social paulista o edifício localizado na Praça General Osório, n.º 66, 88, 120 e 136, o "antigo DOPS", construído para abrigar armazéns da Estrada de Ferro Sorocabana, foi ocupado parcial e temporariamente pela direção da mesma empresa até o término das obras da Estado Júlio Prestes, de 1951 a 1953, pelo Arquivo do Estado e, em seguida, pelo DOPS, Departamento de Ordem Política e Social da Secretaria de Segurança Pública do Estado de São Paulo. Foi projetado pelo Escritório de Ramos de Azevedo, sua importância arquitetônica é grande e decorre principalmente do seu partido arquitetônico. O espaço é definido de forma racional e organiza os ambientes, amplos, entre as prumadas verticais de circulação. Os sistemas estruturais adotados associam elementos modulares em ferro às duas torres de alvenaria portante e resolvem tecnicamente o espaço pretendido. No conjunto das celas, produto da ocupação do edifício pelo DOPS, reside parte significativa do seu valor histórico. Tal conjunto será preservado juntamente com os elementos originais do projeto.

Resolução SC 28/99, de 08 de julho de 1999, publicado no DOE 09/07/99, p. 24. IN: CONDEPHAAT – Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/upload/abf41_RES.%20SC%20N%2028%20-%20Edificio%20antigo%20DOPS.pdf. Acesso em: 04 Dez. 2023.

Prédio do Delegacias Especializadas de Ordem Política e Social - DEOSP - Década de 1970
Foto do Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo - http://icaatom.arquivoestado.sp.gov.br/ica-atom/index.php/delegacias-especializadas-de-ordem-politica-e-social-deops-sp;isad

Foto de 1915 - Sede da Ferrovia Sorocaba
https://memorialdaresistenciasp.org.br/lugares/deops-sp/

Foto atual - Prédio do Museu Memorial da Resistência
https://memorialdaresistenciasp.org.br/lugares/deops-sp/

"A próxima vez que entrar em um museu…, reserve algum tempo para observar o próprio museu. Os museus são muito mais do que meros recipientes para os objetos neles exibidos. Eles tem sua própria história e podem nos dizer muito sobre a época em que foram construídos."

BURKE, Peter. *A museificação dos museus*. Especial para a Folha de S. Paulo, 02 de junho de 1996.

LEMAD História USP

Documento 2

O Memorial da Resistência de São Paulo foi inaugurado em 2008. Ocupa parte do edifício histórico localizado no Largo General Osório, com frente para a rua Mauá, entre os edifícios da Estação da Luz e da Estação Júlio Prestes, no centro histórico de São Paulo. Atua na preservação da memória da ditadura civil-militar brasileira e conserva parte dos espaços do edifício, antes destinados à detenção de presos políticos (...)

(...) A partir de 1940, o Departamento Estadual de Ordem Política e Social de São Paulo (DOPS) foi instalado no local, onde permaneceu até 1983, quando foi extinto no processo de redemocratização. A partir de 1983 recebeu outros usos vinculados aos órgãos públicos, tendo sido tombado, na esfera estadual, pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico (COONDEPHAAT), em 1999.

Lucca Neto, L. de, & Jatene, C. V. (2020). Lugares de memória das ditaduras civis-militares latino-americanas, arquitetura e inscrições de sentido. *Brazilian Journal of Latin American Studies*, *19*(38), 96-120. Disponível em: https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2020.170383. Acesso em: 23 Nov. 2023.

"...o museu permite-nos observar como se pode escrever uma memória traumática em que o testemunho serve de ajuda à transmissão de passados difíceis. Esse testemunho pode ser encarnado pelos detentores da memória, ainda vivos, ou se apresentar numa forma material.(...)"

CENDOYA-LAFLEUR, Jessica e DAVALLON, Marie Lavorel et Jean. *Patrimonializar a memória da guerra no museu: entre História e testemunho*. Tradução de Germana Henriques Pereira de Sousa. IN: Cécile Tardy e Vera Dodebei (dir.) Memória e novos patrimônios. Marseille: OpenEdition Press, 2015. Disponível em: https://books.openedition.org/oep/874**.** Acesso em: 23 Nov. 2023.

Glossário:

(...) a **ditadura** pode ser definida como um regime político autoritário, mantido pela violência, de caráter excepcional e ilegítimo. Ela pode ser conduzida por uma pessoa ou um grupo que impõe seu projeto de governo à sociedade com o auxílio da força. Normalmente, ditadores chegam ao poder por meio de um golpe de estado. (...) - Bruno André Brune - https://www.politize.com.br/ditadura-o-que-e/

A **Ditadura Militar no Brasil** foi um regime autoritário que teve início com o golpe militar em 31 de março de 1964, com a deposição do presidente João Goulart.
O regime militar durou 21 anos (1964-1985), estabeleceu a censura à imprensa, restrição aos direitos políticos e perseguição policial aos opositores do regime. - Juliana Bezerra - https://www.todamateria.com.br/ditadura-militar-no-brasil/

Documento 3

"O Brasil não tem memória… é muito estranho. Eu acho estranho quando dizem "povo pacífico, povo brasileiro pacífico".

Algum de vocês já tentou listar todas as revoltas e revoluções que aconteceram nesse país? Da Cabanada, da Revolta dos Marinheiros, e daí pra frente? Este não é um povo pacífico, não, é um povo paciente, mas não pacífico.

Isso é uma coisa muito importante, porque é isso que leva a que o poder tente esconder esta história de rebeldia do povo brasileiro.

E eu acho que o DOPS de São Paulo, ao se transformar em *Memorial da Resistência*, é um símbolo vivo da rebeldia, da mesma forma que é um símbolo vivo da rebeldia o túmulo do **Marighella**, no cemitério em Salvador, feito pelo **Niemeyer.** Nós estamos reproduzindo vários símbolos da rebeldia para guardar uma memória que não interessa aos dominadores.

E outra coisa: chega de dizer que mulher e negro nesse país são minoria! Nós somos maioria! Só que nós somos educados e encaminhados a nos considerar menos, ao invés de mais. No dia que a gente tomar consciência (de) que a gente é mais, a escola vai passar.

E vocês são os resistentes desse momento, mantendo as nossas memórias.

Obrigada por isso."

MACHADO, Lenira. Entrevista sobre militância, resistência e repressão durante a ditadura civil-militar. Memorial da Resistência de São Paulo, entrevista concedida a Luiza Giandalia, Camila Djurovic em 12/11/2018.

Glossário:
Marighella - Carlos Marighella (1911-1969). Ativista político, liderou parte da resistência armada contra a Ditadura Militar brasileira (1964-1985).
Niemeyer - Oscar Niemeyer (1907-2012). Arquiteto brasileiro, que possuía obras de estilo moderno.

Documento 4

"(...) essas memórias subterrâneas que prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio e de maneira quase imperceptível afloram em momentos de crise em sobressaltos bruscos e exacerbados. A memória entra em disputa. Os objetos de pesquisa são escolhidos de preferência onde existe conflito e competição entre memórias concorrentes…

(…) essas lembranças durante tanto tempo confinadas ao silêncio e transmitidas de uma geração a outra oralmente, e não através de publicações, permanecem vivas. O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais. Ao mesmo tempo, ela transmite cuidadosamente as lembranças dissidentes nas redes familiares e de amizades, esperando a hora da verdade e da redistribuição das cartas políticas e ideológicas…

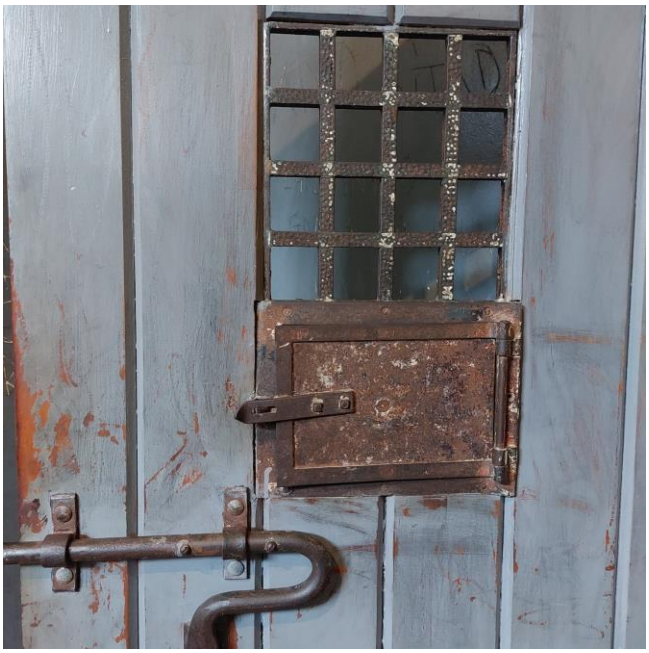
(…) o silêncio tem razões bastante complexas. Para poder relatar seus sofrimentos, uma pessoa precisa antes de mais nada encontrar uma escuta."

POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15. Disponível em: https://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf. Acesso em: 23 Nov. 2023.

Documento 5

“Tenho dificuldade em escrever sobre a prisão. Dúvidas enormes, medo de fantasmas, vergonha da autopiedade. Memórias do cárcere é um gênero esquivo. O sujeito conta vacilações, interjeições covardes, pedidos de clemência? Mostra apenas o lado forte, episódios em que honrou o povo, sofrimentos surdos nas mãos dos torturadores…. A tortura, para quem a sofreu, é talvez inenarrável. Voltará em sonhos anos a fio, sem a dor, só o medo. Chuveiros elétricos lhe lembrarão a maricota, a maquininha de choque. Choro de criança, uma inscrição a canivete na porta da salinha de interrogatório: ‘Aqui é onde chora e filho não atende’.”

SANTOS, Joel Rufino dos. Quando eu voltei, tive uma surpresa. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, p. 76.



Fechadura e detalhe da porta de uma das celas do antigo DOPS - SP. Foto de LEMAD USP.

“Voltei do exílio em 1966. Até 1972, conheci prisões breves e leves. De 1972 a 1974, cumpri pena da Justiça Militar. Passei pelo Doi-Codi, em São Paulo, assisti à morte na tortura de Carlos Nicolau Danielli, vi e ouvi dezenas de outros presos sendo torturados. Tive o meu quinhão de socos e choques elétricos, mas não conheci o pior, a “cadeira do dragão”. É uma experiência inenarrável, no limite do humano. Quem a experimentou, em si ou nos companheiros, não sabe dizer qual é a natureza do torturador. Agora que a Justiça começa a julgá-los, alegam que torturaram em defesa da pátria. Que criaturas são essas?”

Professor e escritor Joel Rufino dos Santos morre no Rio. **G1**, 04/09/2015. Disponível em: *https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/09/professor-e-escritor-joel-rufino-dos-santos-morre-no-rio.html* . Acesso em: 23 Nov. 2023.

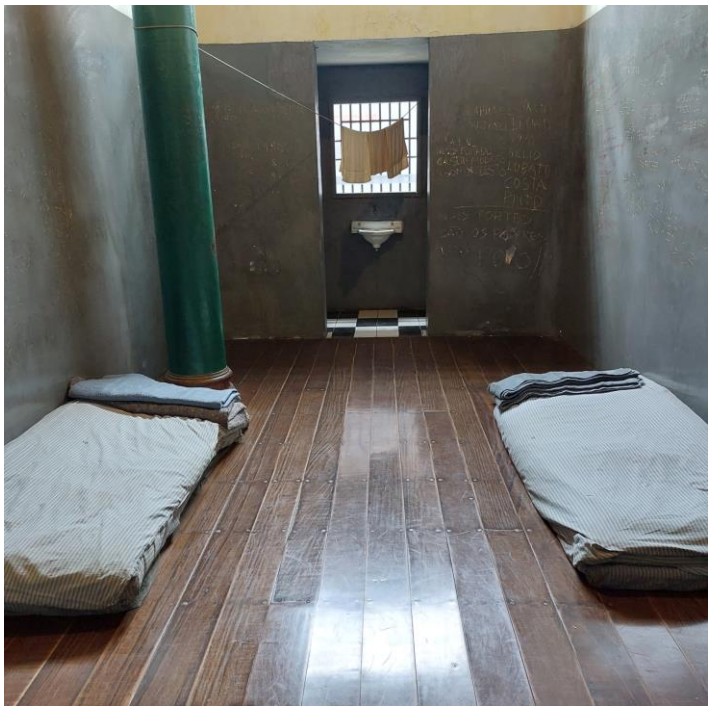
Documento 6A

Rosimeire Nogueira:

“Quando chegou, a Vera Nicoletti era muito jovem. Ela tinha, acho que 19 ou 20 anos. Todo dia chamavam ela para interrogatório, todo dia batiam nela. Mais ou menos no terceiro ou quarto dia, ela veio desmaiada. E jogaram ela naquela cama de concreto, era uma coisa com um colchão de palha, e jogaram ela assim, e ela caiu inteiramente mole. E eu tentei ajeitar as pernas dela, os braços e eu achei que ela não respirava. E eu fui levantar a cabeça dela, assim, minha mão saiu cheia de sangue.

Aí eu comecei a gritar no corredor: ‘A Vera morreu! A Vera morreu! Mataram a Vera!’. Todo mundo começou a gritar, todo mundo… foi uma gritaria tão grande.

E aí vieram os militares, pegaram ela e levaram embora. E eu fiquei com essa impressão de que ela tinha morrido. (...)



Restituição de celas do antigo DOPS - SP. Atualmente, estão em exposição pelo Memorial da Resistência-SP. Foto de LEMAD USP.

Anos depois, num desses e-mails que tem o nome de muita gente, tinha o meu lá no meio de alguém, e o dela também.

E ela me escreveu dizendo: ‘Olha, vi seu nome. Eu acho que eu te conheci numa situação muito complicada. Você é a Rose, que ficou presa comigo no DOPS? Nunca mais esqueci seu nome.’ Olha, eu quase morri, porque eu também nunca mais esqueci o nome dela. Nunca mais esqueci dela. E eu tinha impressão que ela tinha morrido, e 33 anos depois eu descubro que aquela moça, mocinha, cheia de sangue, tava viva. Olha, foi uma das coisas mais importantes da minha vida emocional. Da minha vida mesmo. Uma das coisas mais importantes da minha vida foi descobrir a Vera viva.”

Memorial da Resistência SP. **Relatos na prisão do DEOPS/SP.** Youtube, 16 Set. 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=bVUQtPfcSwo. Acesso em: 23 Nov. 2023.

Documento 6B

Rosimeire Nogueira:

"Veio um enfermeiro logo depois, pra me dar uma injeção pra cortar o leite. Porque esse Tralli [torturador] dizia que o leite atrapalhava ele. Então, essa foi também uma das coisas horríveis, porque enquanto você tem o leite, você está ligada com o seu filho, né? Me deram uma injeção à força, eu não quis tomar, briguei e tal, empurrei, aquela coisa. [...] Ele me pegou à força e deu injeção aqui na frente, na frente da coxa. [...] Depois que ele me falou: 'Cortar esse leitinho aí, tirar esse leitinho'. Realmente, acabou o leite."

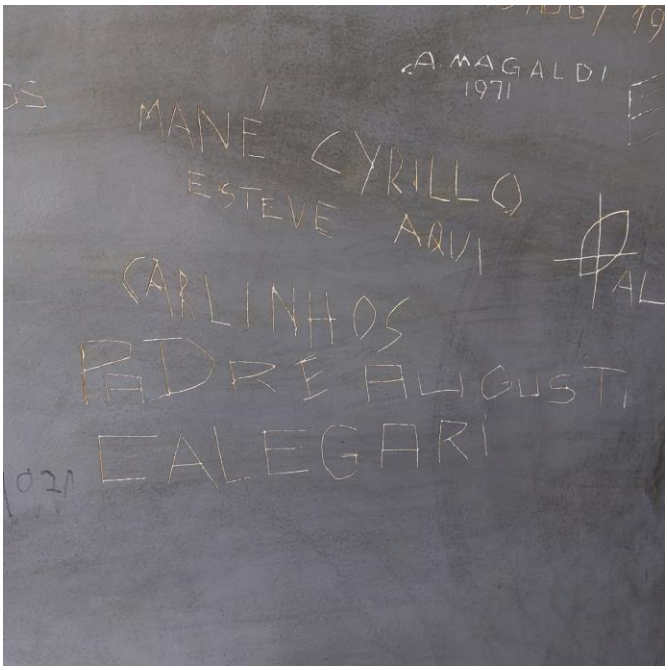
Comissão Nacional da Verdade. Relatório – Volume – I. Brasília: CNV, 2014. p. 408. Disponível em: http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/images/pdf/relatorio/volume_1_digital.pdf. Acesso em: 23 Nov. 2023.

Alípio Raimundo Vieira Freire:

"Às vezes um companheiro descia da tortura totalmente arrebentado. Você tinha que ter alguns cuidados. Fazer massagem. Não dar água imediatamente, mas ir molhando os lábios com um pouco de… porque se tomou muito choque, não devia tomar água imediatamente.

Você molhava os lábios com um pano úmido. Depois dava um leite, e conversava com ocompanheiro. Olha, isso é muito bonito e é muito legal. Agora, a época que eu tive as solidariedades mais bonitas da minha vida também foi no período da ditadura. Os meus companheiros de todas as organizações, os gestos eram insuperáveis. Isso cria laços pro resto da vida."

Memorial da Resistência SP. **Relatos na prisão do DEOPS/SP.** Youtube, 16 Set. 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=bVUQtPfcSwo. Acesso em: 23 Nov. 2023.



Restituição dos escritos nas paredes das celas do antigo DOPS - SP. Foto de LEMAD USP.

Documento 7

Elza Ferreira Lobo:
“Quando alguém saia do DOPS, era a música ‘Minha jangada vai sair pro mar’. E essa música ficou marcada em todas as celebrações de ex presos políticos, não pode deixar de tocar a ‘jangada’, né?”

Canção da partida - Dorival Caymmi

Minha jangada vai sair pro mar
Vou trabalhar meu bem querer
Se Deus quiser quando eu voltar do mar
Um peixe bom eu vou trazer
Meus companheiros também vão voltar
E a Deus do céu vamos agradecer
(...)
A Estrela Dalva me acompanha
Iluminando meu caminho
Eu sei que nunca estou sozinho
Pois tenho alguém que está pensando em mim

Memorial da Resistência SP. **Relatos na prisão do DEOPS/SP.** Youtube, 16 Set. 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=bVUQtPfcSwo. Acesso em: 23 Nov. 2023.

LEMAD História USP

Documento 8

Angela Telma Oliveira Lucena:

“O Brasil fala que é uma democracia, no entanto, pessoas continuam sendo torturadas, os desaparecidos continuam desaparecidos, os arquivos continuam fechados. Nós não sabemos onde nossos familiares foram parar. Nós queremos, exigimos uma resposta para isso. Queremos enterrar os nossos mortos. É um direito que temos, como seres humanos. Falo aqui, eu acho, que em nome de todas as famílias que não tiveram a possibilidade de enterrar os seus mortos. Inclusive meu pai, que é desaparecido. Eu não quero mais que meu pai seja uma estatística como tantos outros pais que estão por aí. Nós queremos a abertura dos arquivos. Queremos saber de que forma, em que circunstâncias os nossos pais foram assassinados. Nós temos esse direito. Qualquer nação séria vê dessa maneira. (...)
Nós temos muitos desaparecidos neste país. Nós não queremos que eles continuem desaparecidos. (...) Enquanto nós não soubermos como tudo aconteceu, enquanto os arquivos não forem abertos, enquanto a gente viver com essa dúvida, não podemos ter tranquilidade. É um fantasma que nos atormenta.”

Luis Carlos Marx do Nascimento:

‘“Nos livros, nas escolas, as crianças não sabem que isso aconteceu. (...) Fisicamente as coisas vão se apagando (...). Mas temos que ir levando as memórias para o futuro. Da mesma forma que se guardou as histórias da Segunda Guerra Mundial, do Holocausto, também queremos falar sobre isso todos os dias para que isso nunca mais aconteça.’

Comissão da Verdade do Estado de São Paulo “Rubens Paiva. **Infância Roubada: crianças atingidas pela ditadura militar no Brasil.** São Paulo: ALESP, 2014, p. 85 e 137. Disponível em: https://www.al.sp.gov.br/repositorio/bibliotecaDigital/20800_arquivo.pdf. Acesso em: 23 Nov. 2023.

Documento 9

Maria Amélia de Almeida Teles:

"Esse negócio de 'recordar é viver'... nem sempre né? Recordar também é sofrer. E viver não é só sofrer.

Recordar é difícil, e eu faço por uma questão de dever. Acho que tenho um dever. Eu sou testemunha da História, testemunha ocular de certos fatos, que eu tenho que falar sobre por uma questão de justiça para aquelas pessoas que morreram, que desapareceram, que não podem mais falar.

Então eu tenho que falar por elas [...]. Se eu tivesse desaparecido, ia querer que essas pessoas falassem por mim. Então eu me sinto na obrigação mesmo, para mim é uma questão de obrigação."

TELES, Maria Amélia de Almeida. Entrevista sobre militância, resistência e repressão durante a ditadura civil-militar. Memorial da Resistência de São Paulo, entrevista concedida a Luiza Giandalia e Desirée Azevedo em 05/04/2016.

Mensagem em exibição no Memorial da Resistência - SP.
Foto de LEMAD - USP.

Documento 10

“A testemunha é um “passador”, o intermediário com essa “outra cena” que mobiliza simultaneamente, e com força, sentimentos e afetos, imaginação e quadros de referências interpretativos. É por essa razão que o testemunho pode participar da criação e manutenção do quadro de referência coletivo das identidades individuais. Ele é um relato que participa ativamente da criação de uma paisagem memorial. Ao contrário da narrativa histórica, permite reconstruir uma ligação com o passado que já não é só de domínio exclusivo do especialista. Essa ligação é direta e visível, uma vez que toma forma no testemunho portador de uma experiência vivida (...).”

CENDOYA-LAFLEUR, Jessica e DAVALLON, Marie Lavorel et Jean. *Patrimonializar a memória da guerra no museu: entre História e testemunho*. Tradução de Germana Henriques Pereira de Sousa. IN: Cécile Tardy e Vera Dodebei (dir.) Memória e novos patrimônios. Marseille: OpenEdition Press, 2015. Disponível em: https://books.openedition.org/oep/874. Acesso em: 23 Nov. 2023.

Documento 11

“O narrador conta o que ele extrai da experiência - sua própria ou aquela contada por outros. E, de volta, ele a torna experiência daqueles que ouvem a sua história.”

BENJAMIN, Walter. *O narrador*. IN: **Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1987.